



**Reflexões sobre o estresse e a Síndrome de Burnout vivenciados por enfermeiros do Centro de Terapia Intensiva: perspectivas para a segurança do paciente**

*Reflections on stress and Burnout Syndrome experienced by nurses at the Intensive Care Center: perspectives for patient safety*

**Wanderson Alves Ribeiro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8655-3789>

Enfermeiro. Mestre e Doutorando em Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense.

Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu. Acadêmico de Medicina da Universidade Iguazu, Brasil

E-mail: [nursing\\_war@hotmail.com](mailto:nursing_war@hotmail.com)

**Larissa Christiny Amorim dos Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9705-5811>

Gestora Hospitalar pela Universidade Estácio de Sá. Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Iguazu, Nova Iguazu, RJ. E-mail:

[amorimlari224@gmail.com](mailto:amorimlari224@gmail.com).

**Resumo**

Foi realizada pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa e temporalidade transversal, por meio de revisão de literatura com o objetivo de identificar os fatores desencadeantes da Síndrome de Burnout e do estresse ocupacional entre enfermeiros que atuam nos Centros de Terapia Intensiva, no sentido de refletir sobre possíveis estratégias para enfrentamento dessas psicopatologias. Para tal, foi utilizado o Portal da Biblioteca Virtual de Saúde, por meio das plataformas LILACS, SCIELO e MEDLINE com recorte temporal de 2008 a 2018. Os fatores estressores mais evidenciados foram: ambientes fechados e com ruídos contínuos, relação interpessoal da equipe, excesso de trabalho, insatisfação salarial e a responsabilidade nas atribuições a pacientes de alta complexidade, que contribuem também para desencadear a Síndrome de Burnout. Conclui-se que o CTI precisa ser um ambiente saudável e com melhores condições de trabalho para prevenir o esgotamento profissional, o que irá refletir não apenas no enfermeiro, mas também na assistência prestada ao paciente; e que a sistematização da assistência pode ser de grande valia neste processo.

**Palavras-chaves:** Enfermagem. Esgotamento Profissional. Saúde do Trabalhador.



## Abstract

This is a bibliographical research of a qualitative approach that has as object of study the triggering factors of the Burnout Syndrome and the stress in the nurse that works in the ICU, that aimed to Identify bibliographic data about the triggering factors of Burnout Syndrome and the stress in the nurse who works at the Intensive Care Center; To reflect on possible strategies for the reduction of Burnout Syndrome and stress in the nurse who works at the Intensive Care Center. For this purpose, the Virtual Health Library was used in the LILACS, SCIELO, MEDLINE information base with time cut from 2008 to 2018 The most frequent stress factors were: closed and continuous noise environments, staff interpersonal relationship, overwork, salary dissatisfaction and responsibility in assigning patients with high complexity, which also contribute to triggering Burnout Syndrome. It is concluded that ICU needs to be a healthy environment with better working conditions to prevent professional exhaustion, which will reflect not only the nurse, but also the care provided to the patient; and that the systematization of assistance can be of great value in this process.

**Descriptors:** Nursing. Occupational Exhaustion. Worker Health.

## 1 Introdução

A Síndrome de Burnout é definida como uma síndrome do meio laboral, caracterizada por um processo de resposta de cronificação ao estresse ocupacional, quando os métodos de enfrentamento falham ou são insuficientes, trazendo consigo consequências negativas tanto no âmbito individual, como profissional, familiar e social. É constituída por uma exaustão emocional, desumanização e reduzida realização do trabalho (MALASCH; JACKSON, 1989).

Ribeiro, Barbosa e Soares (2015) referem que o Ministério da Saúde apresentou, em 1999, uma lista de doenças chamadas de Transtornos Mentais Comportamentais Relacionados ao Trabalho, e a Síndrome de Burnout foi a 12ª categoria contemplada, porém, bastante desconhecida pelos profissionais.

De acordo com Jodas e Haddad (2009), a Síndrome de Burnout é dimensionada em três fases, a exaustão emocional, caracterizada pelo desânimo e falta de energia para enfrentar o dia; a despersonalização, percebida no efeito direto em relacionamentos interprofissionais, onde há o predomínio da insensibilidade emocional e enrijecimento afetivo; e, a terceira dimensão, nomeada por baixa realização profissional, verificada na autoavaliação negativa e sentimento de inadequação pessoal e profissional.

Panizzon, Luz e Fensterseifer (2008) corroboram que estudar a síndrome e entender como o estresse é o agente causador é de grande relevância. Afirmam ainda que o estresse pode ser classificado em três fases: fase de reação de alarme ou alerta; fase de adaptação ou resistência e fase da exaustão.



Os autores ainda referem que a fase de reação de alarme ou alerta é a fase que inicia o profissional para lutar ou fugir frente às reações. Por sua vez, na fase de adaptação ou resistência o organismo luta para se adaptar ao seu agente ofensor, com o objetivo de estabelecer um equilíbrio interno e assim, requerer muita energia do indivíduo. Já a fase de exaustão é caracterizada pela sobrecarga física e psicológica, quando o processo de adaptação do organismo não se adequa aos fatores estressores. Nessa fase surgem sintomas e doenças e pode ser fatal (PANIZZON; LUZ; FENSTERSEIFER, 2008).

Assim, cabe dizer que o estresse tem sido um problema contemporâneo por apresentar riscos à estabilidade do equilíbrio no ser humano, o que causa um aumento desproporcional no número de pessoas que se julgam estressadas por diferentes motivos. A diversidade de possíveis situações causadoras do estresse tem sido uma grande preocupação para a classe de trabalhadores da área da saúde.

Ao analisar esse contexto, Morgan (2007, p. 301) afirma que o problema do estresse é uma verdadeira epidemia em nível mundial. Doenças do coração, frequentemente rotuladas como “assassinas de executivos”, estão sendo crescentemente consideradas como um problema que afeta as pessoas colocadas em situações de trabalho estressante. As condições de trabalho de alguém, o seu papel, as suas aspirações de carreira e qualidade do relacionamento profissional no trabalho, interagem com a personalidade e influenciam os níveis de estresse pessoal e de bem-estar físico e mental.

Em relação à enfermagem, Guerrer e Bianchi (2008) referem a profissão como estressante, por estar relacionada ao trabalho com pessoas doentes que requerem grande demanda de compaixão, sofrimento e empatia. O enfermeiro, que vivencia esta situação em seu cotidiano, pode desenvolver alterações de humor, depressão e culpa. Tais sentimentos são considerados estressores e podem influenciar negativamente no desenvolvimento profissional, acarretando o aumento da ansiedade.

A despeito da situação apresentada, pode-se afirmar que os enfermeiros atuantes no Centro de Terapia Intensiva (CTI) desempenham um papel fundamental na recuperação dos pacientes que necessitam de cuidados intensivos permanentes, face o quadro de saúde instável, que pode agravar até a morte.

O envolvimento do enfermeiro na assistência a pacientes em estado crítico resulta em sobrecarga de trabalho pela perda de habilidade e respostas imediatas nos casos de



emergências. Esta realidade pode ocasionar o aumento da ansiedade, quando o resultado obtido não for satisfatório na realização de suas atribuições, propiciando o surgimento de fatores psicossomáticos que desencadeiam a síndrome de Burnout e o stress ocupacional entre enfermeiros que atuam nos CTI, o que justifica um estudo sobre os fatores desencadeantes da Síndrome de Burnout e do estresse nos CTI, a fim dar um olhar mais cuidadoso sobre a saúde do profissional de enfermagem no ambiente de trabalho.

O centro de tratamento intensivo é uma unidade de um hospital que monitora, continuamente, seus pacientes. Geralmente, os enfermos ~~que vão~~ transferidos ao CTI, são considerados ~~casos~~ graves, ou pessoas que acabaram de sair de uma cirurgia e precisam de monitoramento constante. Um setor do CTI é formado por equipe multiprofissional composta de médicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, assistentes, psicólogos, técnicos em enfermagem, entre outros (SILVA, 2012 *apud* SILVA, B. et al. 2016).

Gomes (2008), afirma que o enfermeiro que atua neste setor necessita ter experiência técnica e prática aliada ao conhecimento científico, que irá facilitar a na implementação das decisões rápidas e objetivas, com o propósito de transmitir segurança para toda à a equipe e diminuir os riscos que podem ameaçar a saúde e recuperação do paciente.

Cruz e Souza (2008), corroboram que o CTI é um setor que se encontra implantado no âmbito hospitalar e que tem como desígnio assistir pacientes em estado, é É um setor caracterizado por imprevistos e com grande possibilidade de alteração no quadro de saúde do paciente, o que consiste em elevados números de variabilidade.

Durante o exercício laboral do profissional de enfermagem, os riscos ocupacionais são constantes dentro do CTI. Desta maneira, “os trabalhadores de saúde exercem suas atividades laborais em ambientes envoltos a riscos físico, químico, biológico, acidentais e ergonômicos, os quais podem resultar no adoecimento e/ou acidentes de trabalho. (SILVA, 2012 *apud* SILVA, B. et al. 2016).

Ante o exposto, o estudo ~~tem~~ teve por objetivo identificar os fatores desencadeantes da Síndrome de Burnout e do estresse ocupacional entre enfermeiros que atuam nos Centro de Tratamento Intensivo, no sentido de refletir sobre possíveis estratégias para enfrentamento dessas patologias, junto aos profissionais de enfermagem que atuam em CTI.



## 2 Percurso metodológico

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa e temporalidade transversal, por meio de revisão de literatura sobre os fatores desencadeantes da Síndrome de Burnout e do estresse em enfermeiros que atuam nos Centros de Terapia Intensiva (CTI).

A pesquisa bibliográfica ~~que~~ é desenvolvida com auxílio de material já elaborado, ~~constitui~~ constituindo-se principalmente de livros e artigos científicos. Contudo, se em grande parte dos estudos é exigido algum tipo de trabalho deste gênero, existem pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2008). Por sua vez, o método qualitativo, é aplicado ao estudo da biografia, das representações e classificações que os seres humanos fazem a respeito de como vivem, edificam seus componentes e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008).

Ainda de acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência.

Os dados foram coletados em plataformas virtuais de saúde. Para tal, utilizou-se a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), especificamente, na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Literatura Internacional em Ciência da Saúde (MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), no período de janeiro a março de 2022.

Com base nos Descritores em Ciência da Saúde (DECS), optou-se pela utilização dos termos “Enfermagem”, “Estresse”, “Esgotamento Profissional”, “Saúde do Trabalhador” e “Unidade de Terapia Intensiva”.

Foram definidos como critérios de inclusão, textos na íntegra, no idioma português, publicados nos últimos dez anos, entre 2008 e 2018, com abordagem centrada no atendimento profissional em enfermagem em UTIs. Cabe mencionar que os textos em outros idiomas foram excluídos da pesquisa por não contemplar a realidade brasileira sobre as consequências para o profissional de enfermagem do atendimento a pacientes graves em UTI.



Ademais, optou-se em trabalhar com um recorte temporal dos últimos dez anos para melhor compreender a temática supracitada e alcançar os objetivos propostos no presente estudo.

Após a seleção dos artigos que atenderam os critérios de inclusão, foi realizada leitura reflexiva do material coletado, a fim de descrever os resultados encontrados na literatura.

Seguida associação entre os descritores, foram encontrados 18.601 artigos, excluídos deste total 18.584 artigos, por não atenderem aos pré-requisitos de elegibilidade definidos no estudo, e, finalmente, selecionados 17 artigos (Tabela 1).

**Tabela 1:** Artigos selecionados de acordo com os descritores na base de dados (BVS), Rio de Janeiro - 2022.

Descritores (DeCs)	Encontrados	Excluídos	Selecionados
Enfermagem “and” estresse “and” UTI	807	801	06
Enfermagem “and” Saúde do Trabalhador	12.557	12.553	04
Enfermagem “and” estresse	5.050	5.046	04
Enfermagem “and” Esgotamento Profissional “and” UTI	187	184	03
<b>Total</b>	18.601	18.584	17

Fonte: Construção dos autores (2022).

### 3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a leitura reflexiva e análise do material selecionado, foram identificadas três categorias de estudo: 1) situações que evidenciam a Síndrome de Burnout e os fatores estressores na Unidade de Terapia Intensiva; 2) a influência da Síndrome de Burnout e dos fatores estressores na rotina de trabalho e na saúde do profissional enfermeiro; e, 3) possíveis estratégias utilizadas pelos enfermeiros para minimizar as consequências da Síndrome de Burnout e dos fatores estressores.

#### 3.1 Situações que evidenciam a síndrome de burnout e os fatores estressores na unidade de terapia intensiva

Nos artigos que serviram de base para a categoria em questão, percebeu-se que entre os fatores que desencadeiam a Síndrome de Burnout e o estresse enfermeiros em Centros de Terapia Intensiva destacaram-se: o ambiente físico; a dificuldade de relacionamento entre os profissionais; o excesso de trabalho relacionado ao escasso



número de enfermeiros, onde fica notório a influência na qualidade da assistência prestada ao paciente; a rapidez de ação que o enfermeiro precisa ter na tomada de decisões e nas realizações das intervenções de enfermagem.

A Síndrome de Burnout é mais evidente em profissionais de enfermagem em consequência da demanda, sobrecarga de trabalho, dupla jornada, riscos ocupacionais, precariedade de recursos materiais, falta de pessoal qualificado e relações interpessoais conflituosas. A exposição progressiva a estes fatores considerados estressores, leva ao esgotamento físico e emocional, interferindo na qualidade de vida e prejudicando a interação com as funções e o ambiente de trabalho, desencadeando a síndrome (FERNANDES; NITSCHÉ; GODOY, 2017).

Nesse sentido, o estresse laboral caracteriza-se como uma resposta adaptativa do organismo diante de novas situações, especialmente aquelas apreendidas como ameaçadoras. No entanto, esse processo é individual, com variações sobre a percepção de tensão e manifestações psicopatológicas. Pode gerar uma diversidade de sintomas físicos, psíquicos e cognitivos, por requerer respostas adaptativas prolongadas, assim como superar, tolerar ou se adaptar aos agentes estressores, os quais podem comprometer o indivíduo, as organizações e desencadear a Síndrome de Burnout (FERNANDES; NITSCHÉ; GODOY, 2017).

Vale mencionar que existem outros fatores estressores encontrados no dia a dia do enfermeiro, evidenciando, a utilização de mecanismos de defesas inadequados como à impaciência e a falta de cooperação no trabalho em equipe, o que resulta na sobrecarga de trabalho para alguns membros da equipe e a falta de continuidade das intervenções iniciadas, resultando na ineficiência da qualidade do atendimento prestado ao paciente.

Oliveira e Lisboa (2009, p. 25), afirmam que “nas instituições hospitalares, o Centro de Terapia Intensiva (CTI) é um dos espaços onde existe maior concentração de tecnologias diagnósticas e terapêuticas, que possibilitam às equipes de enfermagem, medicina e fisioterapia, intervir prontamente junto aos pacientes. [...]”. No entanto, são fontes de ruído contínuas que, em conjunção com as de saídas de ar comprimido, oxigênio, aspiradores, computadores, telefones, manipulação de objetos, diálogo dos profissionais de saúde entre si e com os pacientes, afetam a saúde da equipe.



Assim, pode-se dizer que os ruídos ~~do setor~~ proveniente dos equipamentos como os monitores, respiradores e bombas de infusão, são necessários, pois quando alarmam, geralmente significam problemas, porém, devido à quantidade de equipamentos por paciente, os sons ficam com volume excessivo, o que ocasiona um ambiente desconfortável, interferindo no sono e descanso dos enfermos.

Nota-se que existem inúmeras situações no âmbito hospitalar que podem interferir na atuação do enfermeiro em CTI, tais como: ambiente extremamente seco, refrigerado, fechado e com falta de iluminação natural; ruídos internos contínuos e intermitentes; inter-relacionamento constante entre os mesmos profissionais da equipe, durante o plantão, assim como a cobrança excessiva de segurança, respeito e responsabilidade com o paciente em sofrimento, dor e com morte iminente, para a garantia da qualidade da assistência. Esses indicadores certamente resultam em um clima de trabalho tenso e cansativo, acarretando desmotivação, desentendimento entre os membros da equipe e estresse ao enfermeiro e sua equipe (PEREIRA; BUENO *apud* PRETO; PEDRÃO, 2009).

Rodrigues e Chaves (2008), também confirmam que no ambiente de trabalho podem ocorrer situações capazes de propiciar o surgimento de fatores de risco para a ocorrência dos estressores, especificamente, os aspectos relacionados à cultura da organização com a função, a ambiguidade e o conflito dos papéis; funções atribuídas escassas; a responsabilidade por pacientes de alta complexidade; insegurança no trabalho; aspectos relacionados à evolução na carreira, o sentimento de injustiça em relação ao próprio salário e o atraso promocional; a falta de participação na tomada de decisão relativamente ao trabalho; deficientes relações interpessoais com os superiores, subordinados ou com os colegas; exposição à violência no trabalho; conexão casa-trabalho e o trabalho por turnos e o trabalho noturno.

Cabe ressaltar que a falta de um bom relacionamento interpessoal entre os membros da equipe interfere diretamente na assistência prestada ao paciente e na satisfação no trabalho, o que advém da falta de cooperação de um profissional com o outro, gerando maior nível de estresse para a equipe e exposição à Síndrome de Burnout. Cavalheiro, Moura e Lopes (2008) abordam que no setor da saúde o estresse ocupacional constitui aspecto muito presente, com a exposição frequente do profissional de enfermagem.





Dentro do contexto hospitalar, as unidades de terapia intensiva são ambientes particularmente estressantes, destinados ao atendimento de doentes em estado crítico, que requerem assistência médica e de enfermagem permanente e especializada. São ambientes caracterizados por rotinas exigentes, equipamentos sofisticados e barulhentos, a maioria das vezes sem luz natural e elevada possibilidade de morte e dor.

Outro fator agravante nas atribuições do enfermeiro é o trabalho em turnos e a jornada dupla, ocasionando cansaço excessivo e, conseqüentemente, maior probabilidade de negligenciar determinados procedimentos que podem comprometer a qualidade da assistência prestada ao paciente. A jornada de trabalho, em regime de plantão, diminui o tempo livre do enfermeiro e reduz o convívio social, principalmente no que diz respeito à interação com seus familiares, atividades sociais e de lazer. Desta forma, o enfermeiro está mais propício aos fatores estressores por estar mais tempo no ambiente de trabalho (SANTOS *et al.*, 2010).

Evidencia-se, no Centro de Terapia Intensiva, o início dos fatores estressores e a Síndrome de Burnout por ser um ambiente fechado, em que o enfermeiro e sua equipe têm escasso contato com os demais profissionais dos outros setores, o que poderá emergir em um período intenso no qual o profissional fica restrito ao ambiente de cuidados de alta complexidade, principalmente quando este enfermeiro, realiza a dupla jornada de trabalho, o que inviabilizará a realização de muitas atividades, tornando angustiante e praticamente impossível a realização de um trabalho de qualidade.

Segundo Rodrigues e Ferreira (2011), há uma variabilidade de situações que podem desencadear o esgotamento profissional nos enfermeiros, em que se pode citar: a dificuldade de gestão da carga de trabalho direcionada ao enfermeiro; a dificuldade que o enfermeiro encontra em lidar com pacientes e familiares, principalmente no momento da morte, ou na relação paciente versus enfermeiro e familiar versus enfermeiro; a falta de confiança e destreza para realizar suas atribuições e as diversas situações conflitantes vivenciadas pelo profissional no âmbito familiar.

Cruz e Souza (2008) declaram que as ações de assistência e diagnóstico ao paciente, diretamente relacionada ao seu estado de saúde e evolução do quadro patológico, emergem como um dos fatores que causam o estresse no centro de terapia intensiva, de modo que justifique o ponto de vista que o enfermeiro tem de que as



variabilidades de situações fazem parte da sua rotina normal de trabalho, haja vista que os pacientes assistidos neste setor apresentam um quadro grave de doença e alterações.

A assistência oferecida à pacientes em CTI é bastante polêmica, se de um lado requer intervenções rápidas, de outro, não se tem dúvida de que são espaços naturalmente mobilizadores de emoções e sentimentos que frequentemente se expressam de forma muito intensa (GUERRER; BIANCHI, 2008).

Corroborando ao contexto Bauk (1985) apud Guerrer e Bianchi (2008), ainda relatam que o fato de o enfermeiro ser responsável por pessoas, obriga maior tempo de trabalho dedicado à recuperação, aumentando a probabilidade de ocorrência de estresse por conflitos interpessoais.

### **3.2 A influência da síndrome de burnout e dos fatores estressores na rotina de trabalho e na saúde do profissional enfermeiro**

Cruz e Souza (2008), afirmam que os fatores estressores encontrados na terapia intensiva implicam em diversas alterações na saúde do enfermeiro, resultando em esgotamento profissional, manifestando-se através de vários sinais e sintomas que podem limitar o desempenho do profissional de enfermagem e o, levando a um surgimento ainda maior de situações de estresse. Esta problemática pode resultar em círculo vicioso em que mais situações de estresse resultam no aumento do cansaço psico-físico, que por sua vez, gera novo círculo até que a energia psicossomática do enfermeiro tenha sofrido grande perda e os danos à saúde sejam significativos.

A redução da realização pessoal no trabalho do enfermeiro refere-se a percepção da deterioração da aptidão e insatisfação com as realizações e os sucessos de si mesmo no trabalho, tornando-se assim, infeliz e insatisfeito com o próprio desenvolvimento profissional, com o conseqüente declínio do sentimento de competência e êxito, bem como da capacidade de interação social. A despersonalização refere-se a atitudes negativas, insensibilidade e despreocupação em relação ao outro, levando o profissional a tratar os pacientes, colegas e organização de maneira desumanizada (FERNANDES; NITSCHKE; GODOY, 2017).

Ainda sobre esta situação, Cruz e Souza (2008), afirmam que a sobrecarga física, intelectual e psíquica, decorrentes das necessidades de adaptação e regularização que o enfermeiro encontra diante das inúmeras situações de variabilidade relacionadas ao



planejamento diário para a realização de tarefas, podem elevar o nível de estresse do profissional de enfermagem e respectivamente influenciar na dimensão emocional e profissional desses trabalhadores.

Santos *et al.* (2010, p. 10), informam quais os “principais sinais e sintomas presentes no estresse desenvolvido em UTI adulto, são: o aumento da sudorese, a tensão muscular, as náuseas, a taquicardia, a hipertensão arterial, o aperto da mandíbula, o ranger de dentes, a hiperatividade, as mãos e pés frios”, ~~tudo isto~~ na tentativa de adequar-se ao ambiente de trabalho.

Os enfermeiros que atuam no CTI podem desenvolver Síndrome de Burnout e, apresentando uma concepção multidimensional, composta por exaustão emocional, redução da realização pessoal no trabalho e despersonalização do outro. A exaustão emocional refere-se a falta de energia e entusiasmo; fadiga, por sensação de esgotamento de recursos emocionais, necessários para lidar com a situação estressora, ao qual pode somar-se o sentimento de frustração e tensão nesses trabalhadores (FERNANDES; NITSCHKE; GODOY, 2017).

No entanto, pode-se ressaltar que os enfermeiros acometidos pelo esgotamento profissional sofrem com as alterações do aparelho gastrointestinal, apresentando-se ~~com~~ queixas como náuseas e diarreia, comprometendo a capacidade do profissional, ~~pois~~ em virtude do mal-estar físico e psicológico, bem como alterações do aparelho imunológico, sendo observados, calafrios, hipertermia, resfriados, gripes e infecções do aparelho respiratório; alterações psicológicas ~~e~~ relacionadas à ansiedade, insônia, dificuldade de conciliar o sono, irritação, angústia, pesadelos e tensão, necessitando de rápida intervenção, pois interfere diretamente na vida e promoção a saúde realizada por este enfermeiro (SANTOS et al, 2010).

A despeito da situação apresentada, Santos et al, (2010), ainda sustentam que as alterações musculoesqueléticas representam os principais sintomas que atingem os enfermeiros de CTI, em virtude de tais lesões serem incapacitantes, tais como, dores lombares, articulares, câibras, espasmos musculares e dores na nuca, afetando a qualidade das suas atividades laborais. As alterações de hábitos sociais são constatadas através de uso indiscriminado de soníferos, antidepressivos, álcool e tabaco, usados como forma de fuga do cotidiano vivenciado no CTI.



A redução da realização pessoal no trabalho do enfermeiro refere-se à percepção de deterioração da aptidão e insatisfação com as realizações e os sucessos de si própria no trabalho, tornando-se assim, infeliz e insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, com o conseqüente declínio do sentimento de competência e êxito, bem como de sua capacidade de interação social. A despersonalização, resultado da Síndrome de Burnout, pode resultar em atitudes negativas, insensibilidade e despreocupação em relação ao outro, levando o profissional a tratar os pacientes, colegas e organização de maneira desumanizada (FERNANDES; NITSCHKE; GODOY, 2017).

Oliveira e Lisboa (2009), após a realização de estudo sobre possíveis fatores que resultam no estresse e na Síndrome de Burnout, referem que níveis elevados de ruído podem acometer enfermeiros de CTI, podendo afetar a acuidade auditiva e demais órgãos; causar cansaço, irritação e estresse à equipe. Tais agravos à saúde dos trabalhadores de enfermagem repercutem no processo de trabalho, por acarretar lapsos de memória e maior esforço mental na realização das tarefas, expondo o grupo aos riscos de acidentes e de erros na execução das tarefas.

É notório enfatizar que o ruído tecnológico pode prejudicar a realização do trabalho por interferir na concentração, obrigando o enfermeiro a interromper as atividades para atender ao alarme ou outros ruídos originados de escapamentos nas conexões, aquecimento e alteração de ritmo dos respiradores. A interrupção da tarefa, dispersa, afeta o ritmo de trabalho e provoca maior esforço físico e mental nos enfermeiros (OLIVEIRA; LISBOA, 2009).

Otênio, Cremer e Claro (2007, p. 246), conduziram no ambiente interno de um Hospital, com 222 leitos, na 18ª Regional de Saúde do Paraná, um estudo para aferição do nível de ruído ambiental utilizando decibelímetro fabricado pela MINIPA® - 1350, na faixa de medida em ponderação A = nível baixo: 35~100 dB e configurado da seguinte forma: tempo de resposta rápido numa faixa que cobre os níveis de ruídos de LO = 35~100dB. As medições do ruído ambiental hospitalar foram realizadas no período de 1 hora.

As medidas de ruídos foram realizadas na UTI, nos respectivos equipamentos: dez leitos, dez monitores de sinais vitais com dispositivos de aviso, dez oxímetros, fluxômetros, aspirador de secreção, campainha de porta, telefone, computador e equipe de profissionais, que resultaram na identificação à variação de 58 a 66 decibéis (dB), entre



os horários de 07:00h às 19:00h, e 58 à 61 dB, entre os horários de 20:00 às 06:00h (OTÊNIO; CREMER; CLARO, 2007).

Cabe mencionar que a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2000), recomenda que os níveis de pressões sonoras equivalentes devam estar entre 35 a 45 dB da escala do ouvido humano, como níveis aceitáveis para diferentes ambientes hospitalares.

Acredita-se que o enfermeiro da CTI, responsável pelas atribuições assistenciais a pacientes de alta complexidade pode ser acometido por irritabilidade, depressão, desapontamento e esses sentimentos são considerados incompatíveis com o desempenho profissional, trazendo, conseqüentemente, a culpa e o aumento da ansiedade (GUERRER; BIANCHI, 2008).

Oliveira e Lisboa (2009), atestam que os enfermeiros da CTI e os demais membros da equipe, quando são acometidos por alto nível de estresse e pela Síndrome de Burnout, adotam comportamentos que denunciam uma tensão, pois falam alto no setor, realizam movimentos rápidos e arrastam objetos sem o devido cuidado, expressando uma maneira de extravasar a carga psíquica negativa.

### **3.3 Estratégias utilizadas pelos enfermeiros para minimizar as consequências da síndrome de burnout e dos fatores estressores**

Segundo Santos et al. (2010), para que haja controle dos fatores estressantes em CTI, e assim reduzir o estresse e a Síndrome de Burnout entre os profissionais de enfermagem, sugere-se a realização de reuniões de equipe, planejamento das atividades e a valorização dos distintos saberes com ênfase nas experiências dos profissionais, em prol da saúde dos trabalhadores e da qualidade do trabalho.

É relevante ressaltar que o enfermeiro necessita integrar a equipe através de atividades extras que estimulem o desenvolvimento do trabalho e realizem reuniões onde possam ser abordados os problemas que estão sendo enfrentados dentro da CTI, e desta forma construir possíveis sugestões e soluções para a diminuição e extinção dos fatores estressores (FERNANDES; NITSCHKE; GODOY, 2017).

Santos et al. (2010), ao corroborarem ao contexto, ainda referem que o enfermeiro deve buscar a autonomia, ter participação ativa nas decisões da equipe multiprofissional e, acima de tudo, obter melhorias para evitar a sobrecarga de trabalho, o que resultará em



um bom ambiente laboral, trabalhador sadio e a assistência de qualidade prestada ao paciente.

Como estratégia merece destaque a realização de estudos com o objetivo de identificar os fatores estressantes na prestação da assistência pelo enfermeiro de UTI, o que resultará na identificação das principais causas e sintomas que acometem essa classe de profissionais. A partir daí, pode-se obter subsídios para se propor meios de enfrentamento para reduzir os danos causados à saúde desses trabalhadores (SANTOS et al, 2010).

Cabe ressaltar que o controle dos ruídos na CTI é considerado uma prioridade, devendo ser realizados estudos que avaliem a excessiva exposição da equipe e dos pacientes em CTI, a fim de prevenir à poluição sonora e promover medidas que tornem mais satisfatórias a permanência neste naqueles ambientes (OTÊNIO; CREMER; CLARO, 2007).

De acordo com Oliveira e Lisboa (2009, p. 27), a colaboração e os revezamentos no atendimento dos alarmes, minimizam a carga psíquica negativa (fatigante) acarretada pelo ruído, pelas inspeções e pela repetitividade da tarefa, com ganhos para a economia psicossomática. A estratégia repercute no processo de trabalho e na saúde do grupo por tornar o ambiente laboral menos insalubre, diminuir o excesso de estímulo psicossensorial, o cansaço e o risco de erros.

Refere-se que a carga psíquica negativa gerada pela exposição contínua dos enfermeiros as essas situações de variabilidade, que podem emergir dos fatores estressores, entre eles o ruído, como um agravante, provocando insatisfação e ansiedade, o que deve ser administrado pelos profissionais através da estratégia de descontração, por meio de brincadeiras e de conversas nos encontros, na realização das atividades e nas pausas (OLIVEIRA, LISBOA, 2009).

Entende-se que o trabalho em equipe proporciona um ambiente agradável, onde os profissionais conseguem ter facilidade de comunicação, companheirismo e respeito pelo outro, o que resultará em ambiente de trabalho agradável através da satisfação e da união profissional (FERNANDES; NITSCHKE; GODOY, 2017).

Corroborar-se ao contexto que a cooperação no trabalho em equipe deve ser vista como uma possível estratégia para prevenção e redução do estresse, o que leva ao desenvolvimento e realização das atividades, à satisfação e à união profissional, com o



objetivo de preservar e estimular a comunicação, o respeito e a compreensão entre os profissionais da equipe.

Oliveira e Lisboa (2009), afirmam que existe um espaço destinado ao descanso do enfermeiro e sua equipe, situado dentro da CTI onde os profissionais se encontram, lancham e conseguem um afastamento temporário do nível de ruído do posto de trabalho. Como a sala está localizada dentro do CTI, é impossível ficar indiferente aos ruídos dos aparelhos. Uma das soluções é o revezamento, principalmente quando o ritmo de trabalho é menor, já que o afastamento do posto, mesmo que por pouco tempo, é uma estratégia eficaz para aliviar a tensão acarretada pelo estado de alerta permanente.

Cruz e Souza (2008), referem que em relação aos recursos humanos, o aumento do número de funcionários seria uma estratégia para diminuição dos fatores estressores. Ou seja, aumentando o número de funcionários, diminuiriam as tarefas delegadas para cada enfermeiro da equipe, levando a um aumento do tempo disponível tanto para a realização das atividades planejadas, quanto para a atuação frente às atribuições assistenciais, assim como para o cuidado dos próprios profissionais. Desta forma, -se possível a diminuição da carga de trabalho tanto física quanto psíquica ou intelectual dos enfermeiros da UTI.

Em consonância aos autores, cabe-se ressaltar que o aumento do número de funcionários, de acordo com a quantidade de leitos, proporcionaria uma melhoria das condições de trabalho (Resolução COFEN 293/2004). Sabe-se que as atividades atribuídas aos enfermeiros que atuam na CTI são de alta complexidade, e quando estas atividades são elevadas, aumenta-se também a responsabilidade e a atenção que este profissional precisa ter aos cuidados intensivos a estes pacientes.

Vale mencionar que a melhoria salarial é apontada como uma estratégia de diminuição dos fatores estressores e exposição à Síndrome de Burnout. Com o aumento da remuneração financeira diminuiria a necessidade de o enfermeiro ter mais de um emprego, diminuindo sua carga de trabalho total. O enfermeiro teria mais tempo disponível para cuidar da sua saúde, se alimentando melhor, com um padrão de sono e repouso mais adequado, mantendo suas atividades sociais, estando mais tempo com a sua família, mantendo o corpo e sua mente preparados para a próxima jornada de trabalho, fortalecendo-o para o enfrentamento das situações adversas que não de existir, diminuindo a repercussão destas na sua saúde (CRUZ; SOUZA, 2008).



Aponta-se também a sistematização da assistência de enfermagem como uma estratégia mencionada pelos enfermeiros para restringir o aparecimento dos fatores estressores, por tornar a assistência ao cliente mais racional, com o objetivo de favorecer a diminuição das ocorrências de situações de variabilidade. Dessa forma, com um planejamento estruturado, o trabalho de enfermagem sofrerá menos interferências das variáveis passíveis de controle, com a otimização do tempo e do cuidado prestado. Contudo, para que esta sistematização seja efetiva e eficaz, é preciso que os enfermeiros capacitem todos os integrantes da equipe acerca do processo de enfermagem (CRUZ; SOUZA, 2008).

Assim, cabe-se dizer que a sistematização da assistência em enfermagem deve ser realizada de forma qualificada, e para que isso ocorra toda a equipe deve ser treinada de forma adequada, o que resultará na melhoria na qualidade dos cuidados prestados ao paciente e irá reduzir a carga de trabalho direcionada ao enfermeiro, que poderá realizar suas atribuições livremente, de modo a evitar ou diminuir a exaustão e, conseqüentemente, o nível de estresse.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro de Terapia Intensiva é classificado como um setor muito estressante e com grande exposição à Síndrome de Burnout por estar reservado para pacientes que necessitam de cuidados de alta complexidade, visto que em sua maioria se encontram em estado de saúde crítico. Sobretudo, a responsabilidade por estes pacientes é atribuída ao enfermeiro, que mantém, em seu dia a dia, proximidade com a dor e o sofrimento, onde este profissional se depara frequentemente com uma sequência de situações adversas na realização de suas atividades, o que pode proporcionar uma condição de cansaço físico e mental.

Contudo, a pesquisa em questão revelou ainda que a qualidade dos cuidados oferecidos por este profissional não depende apenas de sua habilidade técnica, mas também de seu bem-estar psicológico. Portanto, torna-se essencial realizar estudos buscando identificar fatores estressantes que resultam no esgotamento profissional que podem acometer o profissional enfermeiro na realização da assistência aos pacientes, e identificar suas principais causas e sintomas.





Os resultados obtidos neste estudo evidenciaram os fatores que podem desencadear o estresse no enfermeiro que atua na CTI, onde foram encontrados com maior frequência elementos como: ambiente extremamente seco, refrigerado, fechado e com falta de iluminação natural; ruídos internos, contínuos e intermitentes; dificuldade de relacionamento entre os profissionais da equipe; falta de cooperação no trabalho dificuldade na implementação dos cuidados ao paciente, em sofrimento, dor e com a morte; números de funcionário menor do que o necessário; excesso de trabalho e a insatisfação com a remuneração.

Nesse sentido, não é correto afirmar que os fatores citados são determinantes para a ocorrência do estresse entre os enfermeiros de CTI. Entretanto, fica claro que há necessidade de se instrumentalizar cada vez mais o enfermeiro para que a avaliação do estressor seja feita com base nos mecanismos de enfrentamento disponíveis, possibilitando a menor ocorrência de estresse para o indivíduo.

Constatou-se que diversas situações podem alterar negativamente o processo saúde-doença dos enfermeiros que atuam na assistência de alta complexidade, resultando em irritabilidade, elevação da pressão arterial, cansaço, dores, tensão muscular, envelhecimento precoce, estresse, entre outros; além de contribuir para o estresse ocupacional, a ausência de controle sobre o próprio trabalho contribuindo para o aumento de sentimento de insatisfação profissional, podendo interferir na qualidade de vida dos profissionais.

Vale ressaltar que os fatores estressores estarão sempre presentes na CTI e que cabe ao enfermeiro e a instituição hospitalar reconhecer os estressores que estão presentes no ambiente de trabalho e desenvolver estratégias de enfrentamento individual e grupal para diminuir a ocorrência de estresse profissional.

Consideram-se possíveis estratégias para o enfrentamento dos fatores estressores e da Síndrome de Burnout, no sentido de diminuir sua ocorrência, o processo de comunicação mais eficaz; a capacitação permanente, a fim de instrumentalizar os enfermeiros para lidar com o aparato tecnológico presente no ambiente de trabalho; o aumento do número de enfermeiros; a implementação das etapas de sistematização da assistência em enfermagem; melhoria salarial; descanso e lazer; atividades de relaxamento; autoconhecimento e ainda, a necessidade de aumentar o número de enfermeiros com objetivo de diminuir a sobrecarga de trabalho.



Assim, entende-se que é relevante o exame das fontes de esgotamento profissional, com o objetivo de trucidar os fatores que resultam no estresse e na Síndrome de Burnout no âmbito hospitalar, o que resultará em ambientes saudáveis e com melhores condições de trabalho, no sentido de prevenir reações adversas que podem ter consequências não só à saúde e bem-estar dos profissionais, mas também, no desempenho profissional e na qualidade da assistência prestada ao paciente, contribuindo para a diminuição do tempo de internação e a possibilidade de uma recuperação mais rápida e eficiente.

## REFERÊNCIAS

- AFECTO, M. C. P; TEIXEIRA, M. B. **Avaliação do Estresse e da Síndrome de Burnout em Enfermeiros que Atuam em Unidade de Terapia intensiva: um estudo qualitativo.** Rev. Online Brazilian Journal of Nursing. São Paulo. v. 8; nº 1; 2009. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2009.2107/453>. [Acesso em: 14/09/2017].
- BALSANELLI, A.P; CUNHA, I.C.K.O.C; WHITAKER, I.Y. Estilo de liderança de enfermeiros em unidade de terapia intensiva: associação com perfil pessoal, profissional e carga de trabalho. **Rev. Latino-Am Enfermagem.** 2009; v.17, n.1, p.28-33. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n1/pt\\_05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n1/pt_05.pdf). [Acesso em: 14 fev. 2018]
- BAUK, D.A. Stress. Rev. Bras. Saúde Ocup. 1985; v.13, n.50, p.28-36. apud GUERRER, F.J; BIANCHI, E.R.F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP.** 2008; v.42, n.2, p.355-62. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000200020). [Acesso em: 10 jan. 2018].
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). **Resolução nº 466, de 2012.** Diniz & Guillem (2002). O que é Bioética. São Paulo: Brasiliense [Acesso em: 10 jan. 2018].
- CAVALHEIRO, A. M; MOURA, D. F. J; LOPES, A. L. Estresse de enfermeiros com atuação em unidade de terapia intensiva. **Rev. Latino-Am. Enferm.** 2008; v. 16, n. 1, p. 29-35. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000100005&script=sci_arttext). [Acesso em: 10 jan. 2018].
- CAVALHEIRO, A.M; MOURA, D.F.J, LOPES, A.L. Estresse de enfermeiros com atuação em unidade de terapia intensiva. **Rev. Latino-Am. Enferm.** 2008; v.16, n.1, p.29-35. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000100005&script=sci_arttext). [Acesso em: 14 fev. 2018].



COFEN. Código de Ética e Legislação. **Resolução COFEN 293/2004**. Disponível em: [http://www.saude.mg.gov.br/atos\\_normativos/legislacao-sanitaria/estabelecimentos-de-saude/exercicio-profissional/res\\_293.pdf](http://www.saude.mg.gov.br/atos_normativos/legislacao-sanitaria/estabelecimentos-de-saude/exercicio-profissional/res_293.pdf) [Acesso em: 10 jan. 2018].

COSTA, J. R. A; LIMA, J. V, ALMEIDA, P. C. Stress no trabalho do enfermeiro. Rev. Esc. Enferm. USP. 2003; v.7, n.3, p.63-71. apud SCHIMIDT, D.R.C; DANTAS, R.A.S; MARZIALE, M.H.P; LAUS, A.M. Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. **Texto Contexto Enferm.** 2009; v. 18, n. 2, p. 330-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reecusp/v37n3/08.pdf>. [Acesso em: 14 fev. 2018].

CRUZ, E. J. E. R; SOUZA, N. V. D. O. Repercussões da variabilidade na saúde do enfermeiro intensivista. **Rev. Eletr. Enf.** 2008; v. 10, n. 4, p. 1102-13. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a23.htm> [Acesso em: 10 jan. 2018].

FERNANDES L. S; NITSCHKE M. J. T; GODOY, I. Síndrome de Burnout em profissionais de enfermagem de uma unidade de terapia intensiva. Ver. FundCare Online. 2017; n. 9 v. 2 p. 551-557. Disponível em [http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4199/pdf\\_1](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4199/pdf_1) [Acesso em 10 mar. 2018].

FERREIRA, L. L; Sono de trabalhadores em turnos alternantes. Rev. Bras. Saúde Ocup. 1985; v. 13, n. 51, p. 25-7. apud SANTOS, F. D. S; CUNHA, M. H. F; ROBAZZI, M. L. C. C; PEDRÃO, R. L. J; SILVA, L. A; TERRA, F. S. O estresse do enfermeiro nas Unidades de Terapia Intensiva adulta: uma revisão da literatura. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 2010; v. 6, n. 1, p. 1-16; Disponível em: [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S180669762010000100014&script=sci\\_arttext](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S180669762010000100014&script=sci_arttext). [Acesso em: 14 fev. 2018].

FRANCO, G. F; BARROS, A. L. B. L; MARTINS, L. A. N; ZEITOUNE, S. S. **Burnout em residentes de enfermagem.** Rev. Escola de Enfermagem da USP. São Paulo. v. 45; n. 1; 2011. Disponível em: // [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342011000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000100002). [Acesso em: 14 fev. 2018].

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo. Ed. Atlas, 2008.

GOMES A. M. **Enfermagem na unidade de terapia intensiva,** 3. ed. São Paulo, EPU, 2008. p.3-5; 17-31.

GUERRER, F. J; BIANCHI, E. R. F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP.** 2008; v. 42, n. 2, p. 355-62. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000200020). [Acesso em: 10 jan. 2018].

GUERRER, F. J; BIANCHI, E. R. F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP.** 2008; v. 42, n. 2, p. 355-62.



Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000200020). Acesso em: 14 fev. 2018.

HAAG, G. S; LOPES, M. J. M; SCHUCK, J. S. **A enfermagem e a saúde dos trabalhadores**. Ed. AB; 2ºed. 140 p. 2001.

JODAS, D. A; HADDAD, M. C. L. Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. **Rev. Acta Paul Enferm.** Londrina – PR; v. 22; n. 2; p. 192-197; 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n2/a12v22n2.pdf>. Acesso: 14 fev. 2018.

KNOBEL, E; LASELVA, C. R; MOURA, D. F. J. **Terapia intensiva: enfermagem**. São Paulo: Atheneu; 2006.

LAKATOS, E. M; MARCONI, N. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo. Ed. Atlas, 2010.

LAUTERT, L. Cap IV. p. 114. 2001. O Processo de Enfrentamento do Estresse no Trabalho Hospitalar: Um Estudo com Enfermeiras. In: HAAG, G. S; LOPES, M. J. M; SCHUCK, J. S (org). **A Enfermagem e a Saúde dos Trabalhadores**. Ed. AB; 2ºed.

LEGISLATIVA COMISSÕES PERMANENTE /cssf/noticias/arquivos-noticias-2015/psicologa-acredita-que-sindrome-deburnout-e-subnotificada-no-brasil Maia, Jair Alves, Leonardo Assunção Pereira, and Fernanda Alcântara Menezes. "Análise de fatores depressivos no trabalho do enfermeiro na área de psiquiatria." *Revista Sustinere* 3.2 (2015): 178- 190. Campos, Juliana Alvares Duarte Bonini, et al. "Burnoutsyndromeamong dental students." *Revista Brasileira de Epidemiologia* 15.1 (2012): 155-165.

MENEGHINI, F; PAZ, A. A; LAUTERT, L. Fatores ocupacionais associados aos componentes da síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2011; v. 20 n. 2 p. 225-33. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n2/a02v20n2>. [Acesso em 24/01/2018].

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo. Ed Hucitec, 2008.

Ministério da Saúde. **Cadernos de Atenção Básica**. Saúde do Trabalhador. Brasília, n. 5, 68 p. 2002. Disponível em: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_12.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_12.pdf). [Acesso em: 14 fev. 2018].

MORGAN, G. **Imagens da Organização: edição executiva**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p.301.

OLIVEIRA, E. B; LISBOA, M. T. L. Exposição ao ruído tecnológico em CTI: estratégias coletivas de defesa dos trabalhadores de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev.**



**Enfermagem.** 2009; v. 13, n. 1, p. 24-30. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-516557> [Acesso em: 10 jan. 2018].

OTÊNIO, M. H; CREMER, E; CLARO E. M. T. Intensidade de ruído em hospital de 222 leitos na 18ª Regional de Saúde – PR. **Rev. Bras. Otorrinolaringol.** 2007; v. 73, n. 2, p. 3499-250. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-453365>. [Acesso em: 10 jan. 2018].

PANIZZON, C.; LUZ, A. M. H.; FENSTERSEIFER, L. M. **Estresse da equipe de enfermagem de emergência clínica.** Rev. Gaúcha Enfermagem. Porto Alegre (RS). 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6759>. [Acesso em: 14 fev. 2018].

PEREIRA, M. E. R; BUENO, S. M. V. Lazer: um caminho para aliviar as tensões no ambiente de trabalho em UTI: uma concepção da equipe de enfermagem. Rev. Lat. Am. Enfermagem. 1987; v.5, n. 4, p. 75-83. apud PRETO, V. A; PEDRÃO, L. J. O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP.** 2009; v. 43, n. 4, p. 841-8. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-6234200900040001> [Acesso em: 10 jan. 2018].

PRETO, V. A; PEDRÃO, L. J. O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP;** 2009; v. 43, n. 4, p. 841-8. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-534383>. [Acesso em: 14 fev. 2018].

RIBEIRO, L. C. C; BARBOSA, L. C. R; SOARES, A. S. **Avaliação da prevalência de Burnout entre professores e a sua relação com as variáveis sociodemográficas.** Rev. Enferm. Centro Oeste Mineiro; v 5, nº 3, p. 1741-1751; 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/987>. Acesso em 24 jan. 2018.

RODRIGUES, A. B; CHAVES E. C. Fatores estressantes e estratégias de coping dos enfermeiros atuantes em oncologia. **Rev. LatinoAmEnferm.** 2008; v. 16, n. 1, p. 1-5. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-479987>. [Acesso em: 10 jan. 2018].

RODRIGUES, V. M. C. P; FERREIRA, A. S. S. F. Fatores geradores de estresse em enfermeiros de unidade de terapia intensiva. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.** 2011; v. 19, n. 4, p. 4. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-597100>. [Acesso em: 10 jan. 2018].

SANTOS, F. D. S; CUNHA, M. H. F; ROBAZZI, M. L. C. C; PEDRÃO, R. L. J; SILVA, L. A; TERRA, F. S. O estresse do enfermeiro nas Unidades de Terapia Intensiva adulta: uma revisão da literatura. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 2010; v. 6, n. 1, p. 12. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-546352>. [Acesso em: 10 jan. 2018].



SCHMIDT, D. R. C; PALADINI, P; BIATO, C; PAIS, J. D; OLIVEIRA, A. R. **Qualidade de vida no trabalho e Burnout em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva.** Rev. Brasileira de Enfermagem. Brasília. v. 66 / n. 1; 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v66n1/v66n1a02.pdf>. Acesso em: [Acesso em 24 jan.2018].

SELYE, H. Stress: a tensão da vida. 2. ed. Trad. Frederico Branco. São Paulo: Ibrasa, 1965. apud SILVA, G. L; YAMADA, K. N. Estresse ocupacional em trabalhadores de uma unidade de internação de um hospital-escola. **Rev. CiencCuid Saúde, Paraná.** 2008; v. 7, n. 1, p. 098-105. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-647391>. [Acesso em 24 jan. 2018].

TRIGO, R. T; Cap. VIII. p. 161 a 169. 2010. Síndrome de Burnout ou Esgotamento Profissional: como Identificar e Avaliar. In: GLINA, D. M. R; ROCHA, L. E. (org) **Saúde Mental no Trabalho: da Teoria à Prática.** São Paulo: Roca. ex. 8.

VIANA, R. A. P; WHITAKER, I. Y. **Enfermagem em Terapia Intensiva: Práticas e Vivências.** 2. ed. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2011.

VILA, V. S. C; RORRI, L. O significado cultural do cuidado humanizado em unidade de terapia intensiva: "muito falado e pouco vivido". Rev. Latino-Am Enfermagem. 2002; v. 10, n. 2, p. 137-44 apud SANTOS, F. D. S; CUNHA, M. H. F; ROBAZZI, M. L. C. C; PEDRÃO, R. L. J; SILVA, L. A; TERRA, F. S. O estresse do enfermeiro nas Unidades de Terapia Intensiva adulta: uma revisão da literatura. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 2010; v. 6, n. 1, p. 8. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/regional/resources/lil-546352>. [Acesso em: 24 jan. 2018].

WHEELER, H. H. Nurse occupational stress - research2: dentition and conceptualization. BR J Nurse. 1997; v. 612, n. 6, p. 710-3 apud PRETO V. A, PEDRÃO L. J. O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP.** 2009; v. 43, n. 4, p. 841-8.

ZAGO NOVARETTI, M. C. et al. Sobrecarga de trabalho da Enfermagem e incidentes e eventos adversos em pacientes internados em UTI. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 67, n. 5, 2014.